

DESIGN STILO

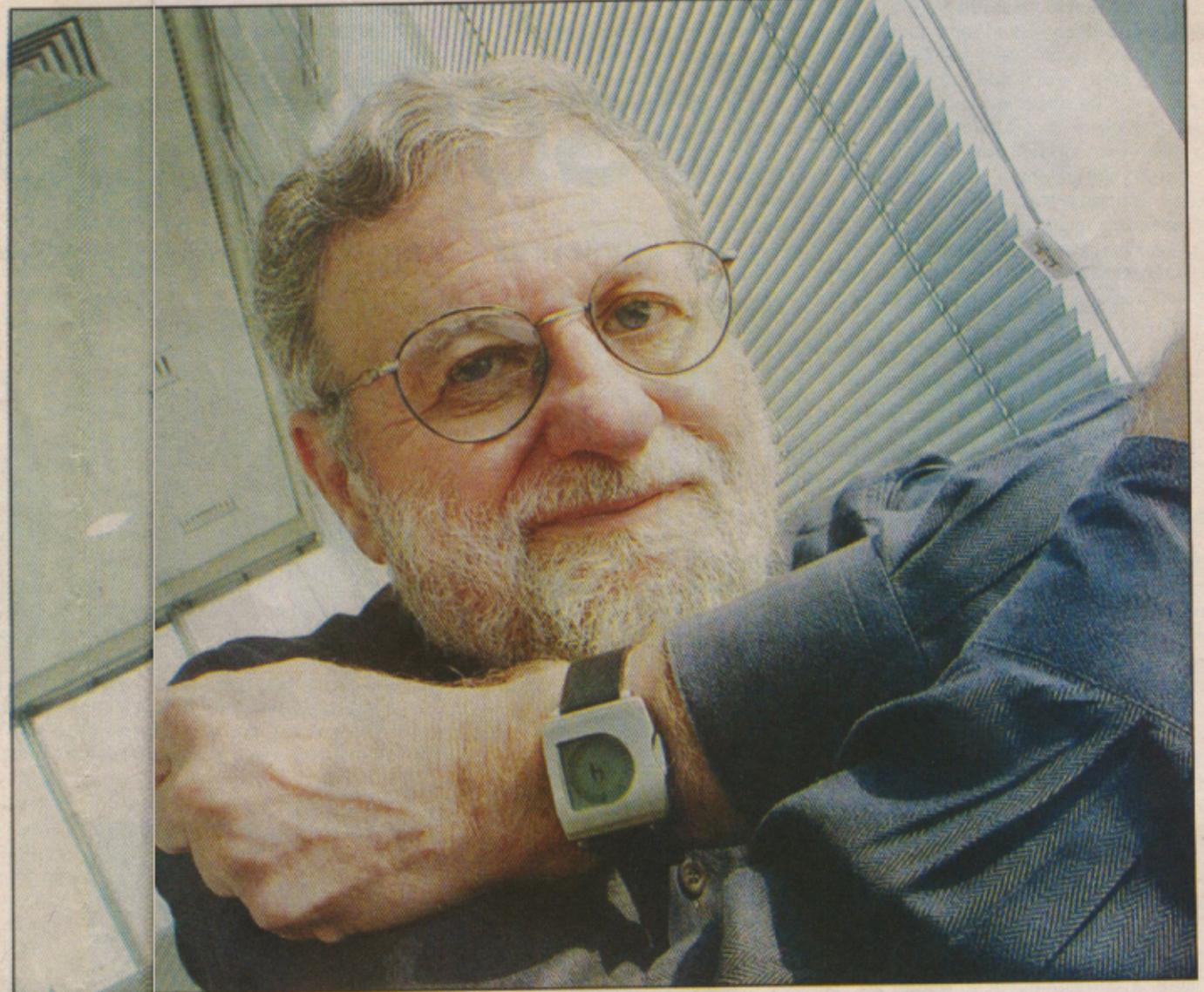
Marcos Alves

*Norman foi um dos primeiros a prever o fim dos microcomputadores*



*Fácil de operar, o porta-retratos digital recebe imagens por e-mail*

ADÉLIA BORGES  
de São Paulo



Todos os dias nos surpreendemos com os feitos da tecnologia. Uma câmera de vídeo do tamanho de um maço de cigarro. O celular Wap, com acesso à internet. Aparelhos que operam por comando de voz. A suprema qualidade do DVD — e agora da tevê digital. No entanto, se o avanço é tão grande e as conquistas tão surpreendentes, por que muitas vezes não conseguimos executar tarefas tão banais quanto programar o videocassete? Por que precisamos recorrer a volumosos manuais de instrução até para acertar a hora do relógio? Por que tantas vezes temos ímpeto de jogar o computador pela janela porque alguma coisa não está dando certo e a razão nos escapa por completo?

O diagnóstico do engenheiro e psicólogo americano Donald Norman é claro: "A tecnologia está se afastando das pessoas e se complicando desnecessariamente." O tratamento para esse mal ele dá em conferências para as quais cobra um mínimo de US\$ 20 mil ou nas páginas de "The Design of Everyday Things", livro de 1988 que se tornou um clássico do design, traduzido para finlandês, francês, alemão, holandês, italiano, espanhol, japonês, chinês, coreano e russo.

Chamado de "visionário" pela revista "Business Week", Donald Norman, 64 anos, esteve recentemente no Brasil (leia quadro) e, em entrevista a este jornal, disse que muitas empresas atuais não entendem as necessidades, a psicologia e o com-

TECNOLOGIA

# Na dimensão do homem

As empresas high tech não entendem as peças comuns, diz o especialista Donald Norman

coisas visíveis". O exemplo do automóvel ajuda a entender o conceito: para muita gente, é muito mais fácil dirigir um automóvel desconhecido do que entender um novo modelo de celular. Isso porque, apesar da complexidade bem maior das operações realizadas num carro, nele os comandos e funções relevantes estão visíveis, explícitos.

Segundo Norman, o grande problema é que as indústrias estão mirando os consumidores fanáticos por tecnologia, que compram as novida-



estrondo sucesso do iMac e seus sucedâneos. "Quando eu estava lá a companhia tinha 12% do mercado de computadores e perdia dinheiro; agora tem 3% ou 4% e não perde dinheiro. Mas eles não têm futuro. O computador não tem futuro. Fazer o melhor computador não importa nada hoje. O iMac e o The Cube são brilhantes, mas eles não fazem o suficiente para salvar a empresa, porque são os mesmos computadores." Entre as poucas fabricantes de microcomputadores que devem se dar bem no futuro, segundo ele, estão

por exemplo, a de acertar a hora para programar uma gravação — e simplesmente eliminar a necessidade daquela função. "Os modelos atuais de videocassetes listam na tela as possibilidades, e a gente escolhe por lá. Isso melhorou muito o uso do aparelho. Alguns mais novos têm discos rígidos que memorizam os programas mais vistos por determinado usuário e gravam mesmo que ele não esteja lá." Este é o Personal Video Recorder (PVR), fabricado pela Panasonic, Philips e Sony e vendido por enquanto só nos Estados Unidos.